

**SOLO E A REEXISTÊNCIA NEGRA: VOCALIDADE NEGRA *QUEER* NA CENA**

Jackson Bosa dos Santos, Daiane Dordete Steckert Jacobs

**INTRODUÇÃO**

Desde o início desta pesquisa de iniciação científica, em 2023, tenho trabalhado com os conceitos de *intervocalidade* e *envocalização*, desenvolvidos por Ann Cahill e Christine Hamel (2022). Esses conceitos apontam a voz como um campo de disputa, reconhecimento e resistência, atravessado por marcadores sociais como raça, gênero e classe. O objetivo foi investigar como esses atravessamentos se manifestam na cena, em especial no processo de criação do espetáculo *SOLO*, obra cênica autobiográfica que busca tornar audíveis as narrativas e vivências de um homem negro, cis e gay a partir de sua vocalidade. Aprofundando o conceito de *injustiça vocal* e dialogando com autoras como Angela Davis (2017), Cida Bento (2022), Lia Schucman (2012), bell hooks (2022) e Jota Mombaça (2021), o trabalho ampliou a discussão para os efeitos da branquitude na formação da minha identidade racial, expressão vocal e seus reflexos na criação cênica.

**DESENVOLVIMENTO**

Utilizei a prática como pesquisa<sup>1</sup> como metodologia, mantendo um diário de campo com registros dos ensaios, leituras teóricas, reflexões pessoais e análises de materiais cênicos. O processo de criação de *SOLO* incluiu improvisações vocais e corporais, discussões com o diretor André Francisco<sup>2</sup> e experimentações com objetos simbólicos, como saia-mandala de crochê, fios, pentes, documentos e terra. Também houve escuta de experiências pessoais e familiares, transformadas em material cênico. A reflexão teórica dialogou diretamente com as escolhas estéticas e políticas do espetáculo. A seguir, contextualizo um pouco da pesquisa teórica desenvolvida.

Segundo Cahill e Hamel (2022), a *intervocalidade* refere-se à influência e inter-relação entre vozes na construção de identidades, e a *envocalização* ao modo como voz e corpo são moldados por contextos históricos de injustiça e podem atuar como resistência. Neste último ano, aprofundi a noção de *injustiça vocal* das mesmas autoras, que evidencia a distribuição desigual dos bens sociais vocais - quem tem voz, quem pode falar, quem é interrompido, quem é ouvido - e o racismo vocal, no qual vozes negras, dissidentes, femininas ou não normativas são marginalizadas, caricaturizadas, deslegitimadas ou silenciadas - realidade que atravessa minha própria trajetória, marcada por apagamentos.

Passei então a investigar como unir esses temas em um único espetáculo e, inspirando-me em Davis (2017), compreendi que as estruturas de poder com articulações interseccionais entre raça, classe, gênero, sexualidade e cultura. Essa consciência me conduziu a um novo olhar sobre meu próprio corpo e história. Sou filho de pai negro e mãe branca e cresci ouvindo que minha pele era “parda” — rótulo que sempre me causou um desconforto que eu não sabia nomear. Me diziam que “parda” era neutro e, como aponta Lia Schucman (2012), uma espécie

<sup>1</sup> A *prática como pesquisa* é uma metodologia que questiona as distinções convencionais entre teoria e prática, colocando a performance no centro do processo de investigação. Como explica Kershaw (2018), essa abordagem busca integrar a criação artística à reflexão acadêmica, gerando conhecimento por meio da prática performativa e da análise crítica.

<sup>2</sup> Ator, diretor e pesquisador teatral. Fundador e diretor artístico do grupo Teatro em Trâmite. É formado em Filosofia (UFSC) e doutor em Artes Cênicas (UDESC). Coordena o Centro Cultural Casa Vermelha em Florianópolis/SC.

de *entrelugar* em que tal categoria atua como dispositivo de invisibilização da negritude — um modo de diluir a experiência negra na ilusão da branquitude acessível. Assim percebi o *pacto da branquitude*, conceito de Cida Bento (2022), que descreve o acordo não dito entre pessoas brancas para manutenção de seus privilégios estruturais, mesmo à custa do apagamento do outro.

Enxerguei este pacto no meu incômodo e em minhas vivências familiares, onde se valorizava o comportamento branco e meu pai, moldado pela crença na meritocracia, silenciava partes de si. A leitura de *bell hooks* (2022) reforçou a importância de nomear o racismo, inspirando cenas que revisitam memórias como a do dia em que quis um sabonete “LUX” para clarear a pele, revelando o impacto da supremacia branca na minha história. Então, trouxe tudo isso para a cena. Rasguei documentos. Revi memórias. Me penteiei, reencontrei meu cabelo crespo, no *black power* me reconheci. Portanto, não parto de um lugar periférico — como muitas narrativas negras. Meu solo é outro: é o solo da branquitude internalizada, da mestiçagem silenciada, do *entrelugar* desconfortável. Um solo de desconstrução, pois somente em 2023, com o início desta pesquisa, me reconheci e autodeclarei como negro.

## RESULTADOS

A pesquisa resultou na recriação do espetáculo *SOLO* - germinado em 2023 pelos estudos e debates do grupo de pesquisa *Imagens Políticas*, onde refleti sobre minha vivência como disparadora de discussões sobre gênero, sexo e raça relevantes à sociedade - sintetizando em cena as reflexões sobre identidade racial, branquitude e injustiça vocal.

Em 2025, chamei o diretor André Francisco para auxiliar neste processo, fazendo surgir um novo *SOLO*, atravessado por conceitos como *intervocalidade*, *envocalização* e *injustiça vocal* (Cahill e Hamel, 2022), perspectivas interseccionais (Davis, 2017), críticas à branquitude (Cida Bento, 2022) e à violência simbólica da categoria “pardo” (Schucman, 2012), culminando em um gesto cênico de resistência radical (*bell hooks*, 2022) também inspirado por Jota Mombaça (2021), que reafirma a cena como um gesto de sobrevivência e insubmissão.

Nas cenas de *SOLO*, a saia-mandala simboliza tramas de memória, herança e pertencimento, enquanto gestos como enterrar um poema e plantar uma semente expressam a reconexão com raízes e ancestrais. Inspirado por Jota Mombaça (2021), que traz a violência como experiência coletiva e da urgência de não apenas sobreviver, mas de resistir com potência criativa, reafirmo a resistência criativa frente à violência racial: minha voz, antes silenciada, passa a afirmar identidade e memória como ato de libertação na cena.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último ano, a pesquisa alcançou seu objetivo de investigar como as vozes negras podem ser acionadas na cena a partir de experiências autobiográficas e atravessamentos raciais. A partir da prática cênica de *SOLO* e do diálogo com autoras negras e/ou atentas e sensíveis às lutas antirracistas, foi possível construir uma dramaturgia e uma performatividade que enfrentam os silenciamentos impostos pela branquitude e afirmam a voz como ferramenta de resistência e reconexão com as origens. A investigação sobre o conceito de *injustiça vocal* e o reconhecimento de uma vocalidade negra *queer* contribuíram significativamente para o amadurecimento da pesquisa. O solo do palco tornou-se o solo simbólico de onde nasce uma nova escuta: a de um corpo que canta, grita, crocheta, planta, penteia e existe.

**Palavras-chave:** vocalidade negra; branquitude; injustiça vocal; *SOLO*; artes cênicas.

## ILUSTRAÇÕES



**Figura 1.** *Momento em que o artista declama o poema sobre raça, branquitude e ancestralidade. Registro da reestrea de “SOLO” no Coletivo Cultural Rural em Concórdia/SC, no dia 16/07/2025. Fotografia: Produção Grupo Teatral Piliquinha.*





**Figura 2.** *Momento em que o artista tateia o solo em que plantará a semente de sua ancestralidade. Registro da apresentação de “SOLO” em Xanxerê/SC, no dia 20/07/2025. Fotografia: Eloísa Almeida.*

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAHILL, Ann J.; HAMEL, Christine. Sounding Bodies: Identity, Injustice, and the voice. New York: Oxford University Press, 2022.

DAVIS, Angela. Mulheres, cultura e política. São Paulo: Boitempo, 2017.

HOOKS, bell. Escrever além da raça: teoria e prática. São Paulo: Elefante, 2022.

KERSHAW, Baz. Artistas Cidadãos no Século XXI: Em Busca de uma Perspectiva Ecológica. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 10, p. 137–160, 2018. DOI: 10.5965/1414573101102008137. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101102008137>. Acesso em: 8 ago. 2025.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. São Paulo: Editora No Martins, 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo": raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

**DADOS CADASTRAIS**

**BOLSISTA:** Jackson Bosa dos Santos

**MODALIDADE DE BOLSA:** PROBIC

**VIGÊNCIA:** 09/2024 a 07/2025 - 11 meses

**ORIENTADOR(A):** Daiane Dordete Steckert Jacobs

**CENTRO DE ENSINO:** CEART

**DEPARTAMENTO:** Departamento de Artes Cênicas

**ÁREAS DE CONHECIMENTO:** Linguística, Letras e Artes / Artes

**TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA:** Vozes Políticas e Políticas das Vozes

**Nº PROTOCOLO DO PROJETO DE PESQUISA:** NPP4049-2022